

## DOSSIÊ LITERATURA DE MULHERES: MEMÓRIAS, PERIFERIAS E RESISTÊNCIAS NO ESPAÇO LUSO-AFRO-BRASILEIRO

### DOSSIER WOMEN'S LITERATURE: MEMORIES, PERIPHERIES, AND RESISTANCE IN THE LUSO-AFRO-BRAZILIAN SPACE

Guerreiros, nós, mulheres de corpo inteiro e segura mão.

Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa. *Novas Cartas Portuguesas*.

O dossiê especial “Literaturas de Mulheres: Memórias, Periferias e Resistências no Espaço Luso-Afro-Brasileiro” enquadra-se no projeto de investigação *Literatura de Mulheres: Memórias, Periferias e Resistências no Atlântico Luso-Afro-Brasileiro*, com o acrónimo *WomenLit*, aprovado para financiamento pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, em Portugal, e que reuniu uma equipa de investigadores afiliados a universidades e centros de investigação científica em Portugal, Brasil, Angola e Moçambique. Se, por um lado, a filiação profissional das organizadoras do dossiê reflete esta amplitude e diversidade geográfica, os artigos incluídos exploram a escrita de mulheres de São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Moçambique, Angola, Brasil e Portugal. Propôs-se pensar a literatura escrita por mulheres no espaço luso-afro-brasileiro, contribuindo para uma discussão em torno das representações da memória e pós-memória e dos questionamentos face à definição de cânones literários e diferentes estratégias literárias que resistem à representação das subjetividades masculinas hegemônicas nas narrativas de memória coletiva.

Num ato contínuo de resistência literária, à escrita das mulheres tem frequentemente cabido a desconstrução e reconstrução das representações literárias das memórias coletivas, elaboradas de acordo com um ponto de vista masculino hegemônico e



assumido como perspectiva de um falso neutro universal, nas quais elas têm figurado como sujeitos excêntricos. Nos vários sistemas literários em que há uma predominância de vozes masculinas, como bem lembram Inocência Mata e Laura Cavalcanti Padilha, via de regra, os textos “submetem-se aos mesmos aparatos de dominação impostos pelas ideologias hegemônicas” (MATA; PADILHA, 2018, p. 13). Contraopondo-se a essa norma, temos observado alguns investimentos que buscam revisitar a história a partir da compreensão do lugar das mulheres e do estudo de sua escrita, detendo-se em questões importantes como faz Eurídice Figueiredo em *Por uma crítica feminista* (2020). Com um olhar de algum modo voltado para os elos entre a exclusão feminina e a pressão colonial, temos os casos de *A Mulher em África* (2007), a cargo de Mata e Padilha, volume atento à escrita de mulheres tão diversas como Deolinda Rodrigues, Paulina Chiziane, Orlanda Amarílis, Dina Salústio e Ama Ata Aidoo, entre outras, cujas obras “representam uma espécie de reacção à marginalidade e à *excentricidade* de sujeitos antes silenciados” (MATA; PADILHA, 2007, p.13); e *A África no Feminino* (2007), de Margarida Calafate Ribeiro, uma compilação de vinte e um testemunhos de mulheres portuguesas que acompanharam os maridos, militares destacados para as diferentes colónias.

A mesma disposição para abordar a intrincada rede entre o poder e o valor simbólico encontramos nos estudos como os que sustentam o artigo “Imagens da mulher na narrativa brasileira” (2007), de Regina Dalcastagnè, que, ciente que “os homens nunca viverão as mesmas experiências de vida” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 128), demonstra que as representações das mulheres por mulheres são plurais. A escrita de mulheres – e não uma “escrita feminina” – expõe uma experiência que tem sido radicalmente diferente da experiência dos homens, manifestando, nas palavras de Irene Ramalho de Sousa Santos e Ana Luísa Amaral, uma “concepção de literatura atenta à estrutura patriarcal de privilégios e opressões inscrita também no discurso dominante, e sensível aos diversos modos como a desigualdade sexual se projecta nas formas simbólicas do fenómeno poético” (SANTOS e AMARAL, 1997, p.4). Por outro lado, colocar em foco a escrita das mulheres no espaço luso-afro-brasileiro implica atentar às interseções das memórias e à forma como, enquanto escritas de resistência, engendram a pluralidade da representação das experiências para além, inclusivamente, da perspectiva binária de gênero. Diremos que é uma escrita que tem confirmado a fluidez de um Atlântico que é pardo, “este mar da cor da terra [...] uma imagem que condensa o aparente paradoxo entre o fluxo e o ancoramento, a busca [...] de um lugar na terra do novo mundo” (ALMEIDA, 2000, p. xi), evocando o conceito feliz de Miguel Vale de Almeida, trabalhado a partir do conceito de Atlântico Negro, de Paul Gilroy, e preservada a natureza “rizomórfica” das memórias que se construíram em trânsitos (ALMEIDA, 2000, p. 239).

Fazer um recorte crítico da escrita das mulheres no espaço luso-afro-brasileiro não será uma abordagem inédita, como o demonstram os vários estudos principalmente oriundos da academia anglófona, entre os quais destacamos, *Sexual/Textual Empires: Gender and Marginality in Lusophone African Literature* (2004), organizado por Hilary Owen e Phillip Rothwell; *Mother Africa, Father Marx* (2007), de Hilary Owen; *Magic Stones and Flying Snakes* (2012), de Ana Margarida Martins; e *Gender, Empire, and Postcolony* (2014), organizado por Hilary Owen e Anna Klobucka, um conjunto de abordagens críticas à volta da escrita das mulheres e de representações literárias de gênero em contextos históricos marcados pelas lutas anticoloniais, a consolidação dos estados africanos e a queda do Estado Novo português com a revolução de 1974, problematizando os lugares de penumbra que a constituição dos cânones literários lhes tem relegado.

No século XXI, a visibilidade da escrita que surge das margens dos sistemas literários tem conhecido assinalável progresso, confirmando, todavia, o tanto que estes têm reproduzido as desigualdades sociais. Nota-se, ao mesmo tempo, a relevância da atuação das mulheres neste processo que desconstrói visões eurocêntricas, bem como legados lusotropicalistas sobre as memórias coletivas, como se pode perceber nas literaturas brasileiras indígenas que têm mostrado a “eclosão da estratégia da memória longa destinada a legitimar seus lugares enquanto povos fundadores e atores da história da nação” (OLIVIERI-GODET, 2020, p. 161) e de Abya Yala, designação pré-colonial do continente americano. Torna-se, assim, igualmente significativa a publicação de *A Terra é a Mãe do Índio* (1989), de Eliane Potiguara, primeira escritora brasileira indígena. O legado teórico de Lélia Gonzales, feminista negra brasileira, não pode deixar de ser mencionado como precursor de uma voraz crítica epistemológica sobre a ideia de democracia racial. A categoria político-cultural de amefricanidade (GONZALES, 1988) destaca a presença de África na Améríndia para uma formulação diaspórica de identidade que une as populações indígenas e afrodescendentes como constituidoras não só das características étnico-raciais que formam o povo brasileiro, mas de uma contranarrativa que deve denunciar a marginalidade e o genocídio dessas populações dentro das fronteiras internas e externas dos nacionalismos forjados por dentro do colonialismo ibérico. A importância de uma abordagem como a de Lélia Gonzalez (1988) para os ativismos e as escritas das mulheres negras e indígenas é incomensurável, mas visível desde o final do século XX. O vigor das reações é também visível em iniciativas como as do grupo Mulherio das Letras, constituído a partir de uma página do Facebook, em 2017, que conta hoje com a participação de mais de sete mil mulheres, escritoras, ativistas e editoras, participantes em coletivos por todo o país e contribui para a promoção da literatura que problematiza o olhar hegemônico, masculino e branco, como único ponto de vista

legítimo. Desde 2018, a Editora Venas Abiertas, editora popular de caráter sociocultural, idealizada pela editora e também escritora Karine Bassi, valoriza e dissemina a literatura das periferias, a que tem sido silenciada e marginalizada dos principais circuitos culturais, tendo publicado coletâneas e novas autorias negras, LGBTQIA+ e periféricas, entre elas, Dalva Maria Soares. Outra referência encontramos na Editora Tabla, cujo nome significa “tambor” e assume o compromisso de fazer ecoar as culturas do Oriente Médio e do Norte da África, com a atenção muito viva para a necessidade de fugir aos estereótipos delineados nos variados orientalismos que Edward Said (2007) captou tão bem. Essa atenção manifesta-se também no compromisso de iluminar a presença das mulheres como autoras e como protagonistas de uma história que o pensamento hegemônico tem se empenhado em tornar nebulosa. Títulos como *Sultanas esquecidas: mulheres chefes de Estado*, da socióloga marroquina Fátima Mernissi, e *A família que devorou seus homens*, da ficcionista síria Dima Wannus, atestam a preocupação com a revisão do discurso oficial em seus países e da visão estereotipada que contagia a leitura ocidental sobre as sociedades islamizadas.

Também em Portugal, antologias poéticas coletivas, reunindo vozes negras e imigrantes têm sido publicadas à margem dos grandes circuitos; são os casos de *Djidiu. A Herança de Ouvido* (2017), com poemas que refletem sobre a experiência negra e afrodescendente em Portugal; a *Antologia Poética da Imigração Lusófona* (2021), organizada por Lucas Augusto da Silva; e os dois volumes de *Volta para Tua Terra* (2021, 2022), antologias declaradamente “antirracistas/antifascistas”, organizadas por Manuella Bezerra de Melo e Wladimir Vaz, o segundo volume reunindo apenas “escritoras estrangeiras em Portugal”. Os circuitos luso-afro-brasileiros de *Poetry Slam* têm também tido o envolvimento de um número cada vez mais significativo de mulheres.

A segunda década do século XXI, sem dúvida, registra um número assinalável de autoria portuguesa afrodescendente e presença expressiva da autoria de mulheres, constituindo “vozes que, insubmissas, se articulam e confrontam os discursos dominantes, apresentando um significado real de resistência à opressão imposta pelo poder hegemônico” (SARTESCHI, 2019, p. 302). As suas escritas apresentam “outras versões de uma realidade múltipla em sentidos e propostas de outros conhecimentos de uma mesma realidade, esta plurifacetada e polifônica” (KHAN, 2015, p. 61). Nome incontornável é o de Djaimilia Pereira de Almeida, a primeira autora portuguesa afrodescendente a ter a obra como objeto de estudo no volume *Djaimilia Pereira de Almeida. Tecelã de Mundos Passados e Presentes* (2023), organizado por Sheila Khan e Sandra Sousa.

Considerando todo esse contexto, o dossiê se abre não só para a análise e discussão de poemas, incluídos em obras assinadas em nome individual e coletivas, mas também

para leituras de textos em prosa; e a sua estruturação reflete duas preocupações que têm acompanhado a equipa de investigação do *WomenLit*: por um lado, pensar a literatura contemporânea escrita por mulheres e, por outro lado, escutar o que pensam, visibilizando momentos de escuta privilegiado. Por isso, além de uma entrevista, incluímos igualmente artigos que devem muito das suas leituras à escuta de diferentes autoras. Estão contemplados artigos sobre obras que ou se inserem nos sistemas literários nacionais ou resistem à conceção eurocêntrica destes mesmos sistemas e artigos que discutem textos e participações de mulheres nas performances de *spoken word*.

Deste modo, iniciamos este dossiê com uma série de artigos que problematizam o conceito de memória a partir de obras de diferentes escritoras inscritas do Atlântico luso-afro-brasileiro, quer no seu sentido coletivo, quer no sentido mais individual, ao qual a categoria de género não está alheia. No primeiro artigo, que faz uma incursão pela poesia de Conceição Lima, Inês Nascimento Rodrigues propõe o cronótopo “casa assombrada” como chave de leitura eficaz para retratar a nação são-tomense e, através dos seus fantasmas, gerar regimes alternativos de conhecimento e historicidade que revelam uma sociedade pós-colonial fraturada. Luís Carlos Alves de Melo discute a forma como a narrativa literária do conflito sociopolítico na Guiné-Bissau se configura num mecanismo de fortalecimento para uma literatura de memória e resistência em *No fundo do canto* (2007), de Odete Semedo. Numa perspetiva transatlântica, Ana Raquel Fernandes analisa o modo como Hélia Correia recorre ao conto “A imitação da Rosa” de Clarice Lispector para discutir as representações de género, loucura e criatividade feminina no seu conto “Captura”, publicado em *Vinte Degraus e Outros Contos* (2014). Continuando sob o signo do deslocamento, Ana Aires e Castro e Alva Martínez Teixeira discutem como as experiências de “estranhamento” e “trauma” se inscrevem no corpo da mulher em *A chave de casa* (2007), de Tatiana Salem Levy. Igualmente no âmbito da temática do trânsito pós-colonial, Flávio Silva Corrêa de Mello reflete a relevância da metonímia como elemento potencializador da metáfora da exclusão social a partir da transformação dos corpos diaspóricos em *Luanda, Lisboa Paraíso* (2018), de Djaimilia Pereira de Almeida. Numa reflexão sobre a representação do povo indígena na literatura brasileira, no qual a própria também se inscreve, Ellen Cruz de Lima faz um esforço conceptual em torno do conceito “poética da expropriação” que despoja as identidades indígenas, enquanto perpetua a violência simbólica sofridas pelos povos indígenas e legitima a narrativa de expropriação territorial. Margarida Rendeiro explora o uso performativo da palavra poética em *Ixé Ygara Voltando Pra’YKûá* (2021), primeira coletânea de poemas de Ellen Lima, para argumentar que a sua escrita evidencia a necessidade da construção de uma gramática decolonial que se configure como gramática de reparação da violência colonial que a própria

língua portuguesa tem silenciado. Federica Lupati propõe o conceito de “autobiogeografias” como chave de leitura para ler textos de Graça Graúna, Eliane Potiguara e Fernanda Vieira, explorando a forma como a escrita destas mulheres brasileiras indígenas é uma ferramenta criativa que recria e reapropria a história coletiva e o território. Maristela de Melo Braga e Iara Tatiana Bonin discutem os enlaces entre literatura e ancestralidade em *Menina lua, menino sol* e *Com a noite veio o sono*, de Lia Minapoty, que assumem a literatura como lugar estratégico para vislumbrar mundos, afirmar presenças e investir na crítica do presente.

A partir de poemas da antologia coletiva *Volta para tua terra* (2021), Noemi Alfieri argumenta sobre a necessidade de as práticas artísticas resistentes considerarem as complexas interações entre os contextos globais e locais, valorizando as perspectivas das minorias e dos grupos historicamente discriminados como contribuições essenciais para uma descolonização do saber e das práticas culturais e artísticas. Fazendo uma incursão no *Poetry Slam*, e com base em trabalho de campo, Miriane Peregrino parte da competição moçambicana *Moz Slam* para discutir a produção, circulação e receção deste formato de evento de poesia falada, destacando a presença das mulheres quer no *Moz Slam* quer no *Slam da Guilhermina*. Esperança Ferraz discute a forma como os poemas da angolana Irene A’Mosi, também participante de eventos de *spoken word*, denunciam uma série de opressões que as mulheres angolanas sofrem, privilegiando o ângulo de observação a partir da periferia de Luanda. A entrevista conduzida por Susan de Oliveira à escritora e antropóloga brasileira Dalva Maria Soares, desenrola-se em torno da forma como a escrita desta escritora se inspira no legado literário de Carolina Maria de Jesus. Finalmente, as resenhas de Danielle Baracho a *O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo – Ensaio* (2023), de Djaimilia Pereira de Almeida e de Luciana Teixeira Martinez a *Ferry* (2022), da mesma autora, concluem o presente dossiê.

Margarida Rendeiro

Centro de Humanidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

Rita Chaves

Universidade de São Paulo

Susan de Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina

Teresa Manjate

Universidade Estadual de Maringá

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Um Mar da Cor da Terra*. Raça, Cultura e Política da Identidade. Lisboa: Ceuta, 2000.
- BARRENO, Maria Isabel, HORTA, Maria Teresa, e COSTA, Maria Velho da. *Novas Cartas Portuguesas*. Edição anotada. Ana Luísa Amaral Org.). Lisboa: D. Quixote, 2019.
- CARVALHO, A. de, et al. *Djidiu: A herança de ouvido*. s/l: Vadaescrevi, 2017.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Imagens da mulher na narrativa brasileira. *O Eixo e a Roda*. Revista de Literatura Brasileira, v.15, 2007, 127-135. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2358-9787.15.0.127-135>.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Por uma crítica feminista*. Leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- KHAN, Sheila. *Portugal a lápis de cor*. A sul de uma pós-colonialidade. Coimbra: Almedina, 2015.
- KHAN, Sheila e SOUSA, Sandra (Orgs). *Djaimilia Pereira de Almeida*. Tecelã de Mundos Passados e Presentes. Braga: Universidade do Minho, 2023.
- MARTINS, Ana Margarida. *Magic Stones and Flying Snakes*. Gender and the “Postcolonial Exotic” in the Work of Paulina Chiziane and Lídia Jorge. Oxford: Peter Lang, 2012.
- MATA, Inocência e PADILHA, Laura Cavalcanti (Orgs.). *A Mulher em África*. Vozes de Uma Margem sempre Presente. Lisboa: Edições Colibri, 2018.
- MELO, Manuella Bezerra de e VAZ, Wladimir (Orgs.). (2021). *Volta para tua terra - Uma antologia antirracista/antifascista de poetas estrangeirxs em Portugal*. Pontevedra: Urutau.
- MELO, Manuella Bezerra de e VAZ, Wladimir (Orgs.). (2022). *Volta para tua terra - Uma antologia antirracista/antifascista de escritoras estrangeiras em Portugal*. Vol. 2: Prosa. Barreiro: Urutau.
- OLIVIERI-GODET, Rita (2020). A emergência de autores ameríndios na literatura brasileira. In: DORRICO, Julie, DANNER, Fernando e DANNER, Leno Francisco. (Orgs.) *Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo*. Editora Fi, pp.133-168.
- OWEN, Hilary. *Mother Africa, Father Marx*. Women’s Writing of Mozambique 1948-2002. Lewisburg, PA: Bucknell University Press, 2007.
- OWEN, Hilary e ROTHWELL, Phillip. *Sexual/Textual Empires: Gender and Marginality in Lusophone African Literature*. Vol.2, *Lusophone Studies*. Bristol: Department of Portuguese and Latin American Studies, 2004.
- OWEN, Hilary e KLOBUCKA, Anna M. (Orgs.). *Gender, Empire, and Postcolony*. Luso-Afro-Brazilian Intersections. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2014.
- POTIGUARA, Eliane. *A Terra é a Mãe do Índio*. Rio de Janeiro: Grumin, 1989.

- RIBEIRO, Margarida Calafate. *África no Feminino*. As Mulheres e a Guerra Colonial. Porto: Edições Afrontamento, 2007.
- SAID, Edward. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SANTOS, Maria Irene Ramalho de Sousa e AMARAL, Ana Luísa. Sobre a 'Escrita Feminina'. *Oficina do CES*. Nº 90, Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 1997. Disponível em <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/10987/1/Sobre%20a%20%27Escrita%20Feminina%27.pdf>. Acesso em: 20 de janeiro 2024.
- SARTESCHI, Rosângela. Literatura Contemporânea de Autoria Negra em Portugal: Impasses e Tensões. *Via Atlântica*, 20 (2), 2019, pp. 283-304. <https://doi.org/10.11606/va.v0i36.163936>.
- SILVA, Lucas Augusto da. *Antologia Poética da Imigração Lusófona*. Barreiro: Kotter Editorial, 2021.